

A dança da solidão na escola: entre a (in)visibilidade de saberes e as resistências solidárias de sujeitos sexuais dissidentes

Thiago Aparecido Miranda¹
Fabiana Rodrigues de Sousa²

Resumo: Este artigo é fruto de uma pesquisa participante (auto)biográfica cujo objetivo consistiu em desvelar experiências de solidão/solidariedade de sujeitos sexuais dissidentes na escola. Considerando que a estratificação sexual sustenta uma solidão epistêmica que visa encobrir saberes e modos próprios de ser e de ler o mundo tecidos por sujeitos sexuais dissidentes. A metodologia se fundamenta na perspectiva latino-americana da pesquisa participante e nos princípios teórico-metodológicos da Educação Popular e do legado de Paulo Freire, que buscam construir conhecimentos em diálogo com os sujeitos participantes da investigação. Assim, por meio de entrevistas, foram produzidas narrativas de cinco pessoas imersas no contexto escolar: duas estudantes, duas professoras e a do próprio pesquisador, que também é professor. A análise das entrevistas culminou na elaboração de quatro eixos temáticos, quais sejam: A escola como política de silenciamento, O armário LGBTQIA+ como dispositivo de invisibilidade, Amizades como trincheiras e Representatividade como projeto de futuro. Estes eixos temáticos não apenas descrevem experiências vividas, mas interpelam estruturas normativas responsáveis pela produção da solidão, ao mesmo tempo em que evidenciam práticas de solidariedade como formas de resistência. Conclui-se que a solidão é fabricada, incentivada e administrada por uma lógica que transforma a vida em performance de autossuficiência, isolando corpos dissidentes e esvaziando os espaços de pertencimento. Assim, a política da solidão emerge como sintoma e estratégia de um sistema que se sustenta pelo esfacelamento do comum e pela propagação de uma visão fatalista da realidade. A solidariedade e a pronúncia coletiva de mundo destacam-se como possibilidades viáveis para fazer o enfrentamento a essa política da solidão.

Palavras-chave: Educação popular. Solidão. Solidariedade. Sujeitos sexuais dissidentes.

¹ Mestre em Educação. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco. Membro da Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (ABETH). thiagokolbe.educacao@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6864539232700416>. ORCiD: <https://orcid.org/0009-0008-9245-3766>.

² Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco. Membro da Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (ABETH). fabiana.sante@usf.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8905398833724166>. ORCiD: <https://orcid.org/0000-0001-9963-0958>.

Dança da solidão

Desde a minha chegada ao estabelecimento de ensino, todos os dias eu errei pelo pátio tentando me aproximar dos outros alunos. Ninguém queria falar comigo: o estigma era contagioso; ser visto como amigo do *veado* causaria má impressão (Édouard Louis, 2018, p. 30)

Este artigo apresenta considerações tecidas em uma pesquisa de doutorado em Educação fundamentada nos aportes da Educação Popular e da pesquisa participante latino-americana e tem como objetivo problematizar a solidão vivenciada por sujeitos sexuais dissidentes em experiências que se dão no âmbito da escola, tais como a descrita na epígrafe deste texto, que foi extraída da obra do escritor francês Édouard Louis (2018).

A motivação para o desenvolvimento destas reflexões parte da percepção da solidão como uma premissa constante na vivência escolar do autor - homem cis e gay. Na Educação Básica, o corpo do menino pobre, filho de metalúrgico e estudante de escola pública, da região do ABC Paulista, se converteu em alvo de diversos apelidos - viadinho, bixa - devido a sua performance, por vezes, interpretada como mais frágil e feminina. Somada à violência simbólica, sua experiência escolar também foi marcada por agressões físicas, como tapas e murros desferidos, gratuitamente, pelos colegas.

É importante reiterar que não se trata de uma experiência escolar isolada e pontual, mas de experiência partilhada por corpos de sujeitos sexuais dissidentes, em diferentes lugares do mundo, como se pode visualizar nas cenas narradas na obra *O fim de Eddy* pelo escritor francês Édouard Louis (2018). Filho de operário, cuja infância foi vivenciada em uma cidade conservadora, na França, Louis (2018) descreve as humilhações sofridas na escola e na família e destaca os xingamentos proferidos, as escarradas que tomou no rosto, as pancadas que recebeu, impelindo-o à solidão, buscando refúgio em um corredor ermo que levava à biblioteca da escola.

Neste contexto, “o armário” torna-se refúgio e um abrigo seguro para muitos sujeitos sexuais dissidentes, sendo utilizado como estratégia de sobrevivência para resistir ao ambiente escolar. Ao problematizar a epistemologia do armário, Sedgwick (2007) destaca que nem todos os corpos têm a mesma possibilidade de habitar esse espaço:

“poder-se-ia ‘sair do armário’ como judeu ou cigano, numa sociedade urbana heterogênea, de maneira mais inteligível do que se poderia ‘sair’ como, digamos, mulher, negro, velho [...]” (Sedgwick, 2007, p. 32). Essa reflexão nos leva a questionar as diferentes formas de (in)visibilidade dos corpos, bem como os (des)privilégios a eles imputados.

Enquanto corpos dissidentes lançam mão da estratégia de habitar o “armário”, pode até parecer que a LGBTQIAfobia diminui; mas, em contrapartida, não há como fugir da crise existencial avassaladora, deixando vazio, sofrimento e solidão. Assim, a dor causada pela solidão tornou-se, para o autor, o tema central de suas pesquisas. Enquanto um ‘pesquisa-dor’ os objetivos de suas investigações se voltaram a compreender os impactos dessa experiência e a conceitualizar a solidão sob uma ótica epistemológica e dialógica.

As reflexões, ora, apresentadas são oriundas de saber de experiência e de resultados de pesquisas que permitem tecer a denúncia de que os sujeitos sexuais dissidentes são impelidos à dança da solidão, na escola, culminando, muitas vezes, em sua evasão escolar e/ou expulsão. A dança da solidão é uma metáfora adotada neste artigo para expressar as estratégias de resistência que sujeitos sexuais dissidentes precisam lançar mão para fazer o enfrentamento à LGBTQIAfobia e às práticas de cis-heteroterrismo (Bento, 2011), que imperam nos estabelecimentos de ensino, com intuito de garantir o seu direito à educação.

Paulinho da Viola lançou em 1972 o álbum intitulado “Dança da Solidão”, com o qual dialogamos no título e no corpo deste artigo. Nesse álbum, o sambista explorou o fenômeno da solidão. Em sua canção, expressa: “Solidão é lava que cobre tudo, amargura em minha boca, sorri seus dentes de chumbo. Solidão palavra, cavada no coração, resignado e mudo, no compasso da desilusão, viu [...]” (Da Viola, 1972). A letra anuncia a dor causada pela solidão, apresentando-a sob o ritmo de um samba, que cria um contraste entre a leveza do gênero musical e a profundidade existencial da mensagem. A poesia trata a solidão como avassaladora, capaz de sufocar outras emoções, revelando o impacto emocional que provoca nas pessoas, trazendo consigo tristeza e desilusão. Todavia, essa forma de violência - a solidão compulsória - e seu impacto emocional nos

sujeitos sexuais dissidentes é pouco considerada nos discursos sobre desempenho escolar. Nesse sentido, Junqueira (2014) observa que as noções de sucesso e de fracasso escolar, geralmente, são atribuídas aos indivíduos em si, em vez de serem imputadas às instituições que as fabricam, ao propagarem práticas hierarquizantes e excludentes como as sexistas, LGBTQIAfóbicas, racistas, capacitistas, etc.

Esta solidão vivenciada por sujeitos sexuais dissidentes na escola é uma consequência da pedagogia do armário³ que, por sua vez, consiste no “conjunto de práticas, relações de poder, classificações, construções de saberes, sujeitos e diferenças que o currículo constrói no cotidiano escolar sob a égide das normas de gênero” (Junqueira, 2014, p. 189), promovendo a chamada heterocisnormatividade.⁴

O historiador Minois (2019) destaca que a solidão se configura como um termo polissêmico e teve diversas manifestações ao longo da história. Ela pode ser compreendida como deserto com a finalidade de encontro com Deus, como demonstram os textos bíblicos e as experiências de alguns profetas e padres. Além disso, é tratada como exílio na Antiguidade – manifestando-se como prisão para criminosos e isolamento para pessoas doentes, como no caso da lepra – e como uma fonte de inspiração para artistas e filósofos, que encontram espaço privilegiado para reflexão e catarse da criação (Minois, 2019). O historiador ainda discute o surgimento da ideia de subjetivação humana no período renascentista, quando a lógica teológica cede lugar às aspirações e anseios humanos, destacando, nesse contexto, a solidão como um fator essencial para a formação da subjetividade.

Minois (2019) comenta o termo solidão, quando este aparece no texto bíblico: “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele” (Bíblia, Gênesis 2:18). Fundamentados pela égide religiosa, compreendemos que a solidão sempre nos acompanha - enquanto pessoas humanas; Deus se compadece

³ O termo pedagogia do armário é cunhado por Graciela Morgade e Graciela Alonso na compilação da obra “*Cuerpos y sexualidades en la escuela*” publicado pela editora Paidós. No entanto, a caracterização do conceito é desenvolvida por Rogério Diniz Junqueira (2014).

⁴ Conceito cunhado a partir da “junção das normas referentes à heterossexualidade e à cisgeneridade (sobre pessoas que se identificam com o gênero designado no nascimento), na condição de identidades (re)produzidas como universais” (Ladeira Pereira; Santos Pereira; Pocahy, 2021, p. 122).

por Adão após ter criado todas as coisas na terra e, ao constatar que seu filho estava só, cria a primeira mulher Eva. Da compaixão do pai(triarcado)⁵ nasce aí, o binómio de macho e fêmea.

A solidão abordada neste artigo refere-se à perda da capacidade de ação pública e da autonomia individual, abrangendo tanto a esfera política quanto a existencial, conforme propõe Arendt (2012). Essa condição resulta na desobjetivação da humanidade que nos habita e, portanto, na desumanização de sujeitos sexuais dissidentes que é perpetrada pela estratificação sexual⁶ (Rubin, 2012).

Arendt (2012) identifica três formas possíveis de solidão: *isolation* (isolamento), uma forma de solidão imposta externamente, caracterizada pela exclusão e alienação social; *loneliness* (solidão), desconexão com as pessoas e com o mundo, estado frequentemente doloroso e angustiante – e não se trata de aspectos físicos, visto que podemos estar rodeado de pessoas e ao mesmo sentir-se solitário/a/e; e *solitude* (estar-só), uma forma de solidão benéfica, filosófica, que representa espaço de reflexão, autoconhecimento e liberdade pessoal.

O que torna a solidão tão insuportável é a perda do próprio eu, que pode realizar-se quando estás a sós, mas cuja identidade só é confirmada pela companhia confiante e fidedigna dos meus iguais. Nessa situação, o homem perde a confiança em si mesmo como parceiro dos próprios pensamentos e perde aquela confiança elementar no mundo que é necessária para que se possam ter quaisquer experiências. O eu e o mundo, a capacidade de pensar e de sentir, perdem-se ao mesmo tempo (Arendt, 2012, p. 637).

⁵ O patriarcado é um sistema profundamente enraizado na maioria das sociedades, que perpetua a subordinação das mulheres e sujeitos sexuais dissidentes, garantindo ao homem cis - o pai/Adão - o poder de dominação, influenciando estruturas sociais, culturais e políticas ao longo da história. Neste texto, optamos pelo neologismo “pai(triarcado)”, fundamentando esse conceito na lógica religiosa onde o machismo torna-se máxima dominante em grande parcela das religiões no planeta.

⁶ Conceito cunhado por Gayle Rubin (2012) e alude às práticas que tem como fim hierarquizar os modos de vivenciar a sexualidade, bem como os sujeitos sexuais, por meio da classificação de práticas e comportamentos que são aceitos socialmente e que são alçados à condição de ‘conformidade sexual’ e os que são rejeitados e reprovados socialmente, sendo alçados à condição de dissidência erótica.

Para Arendt (2012), o regime totalitarista se alicerça na solidão, uma das experiências mais radicais e terríveis, terreno fértil para manipular e controlar os indivíduos (Hertz, 2021). “A solidão se apresentaria no pensamento arendtiano como uma das experiências mais radicais e desesperadoras, visto que nela não somos capazes de potencializar a nossa capacidade para a ação [...]” (Miranda, 2021, p. 54). Por conseguinte, a solidão pode ser compreendida como instrumento político cuja aplicação, na lógica fascista alicerça a barbárie e a alienação.

Na contemporaneidade, pesquisas têm buscado quantificar a solidão de forma mais sistemática, como aponta o estudo desenvolvido pela Universidade da Califórnia, em Los Angeles, sob a coordenação do psicólogo Daniel Russell. Em 1978, Russell publicou a versão original da Escala de Solidão, com o objetivo de criar ferramentas para medir sentimentos subjetivos de solidão (Hertz, 2021). Esse estudo, que tem sido ampliado ao longo dos anos, também vem sendo adaptado e desenvolvido no Brasil pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Barroso *et al.*, 2016), ampliando as possibilidades de aplicação e entendimento da solidão no contexto brasileiro.

A dança da solidão envolve aspectos subjetivos e inerentes à espécie humana – devido à polissemia do termo, como anuncia o compositor Paulinho da Viola (1972): “Camélia ficou viúva, Joana se apaixonou, Maria tentou a morte, por causa do seu amor [...]. Desilusão, desilusão, danço eu, dança você, na dança da solidão.” Os versos provocam-nos a aludir a novos sentidos e formas de existir. No entanto, no auge do capitalismo, a solidão torna-se uma questão política em países como Japão e Reino Unido. Devido ao aumento alarmante de suicídios e doenças mentais, esses países criaram, como proposta de política pública, o Ministério da Solidão (Hertz, 2021; Minois, 2019).

Importante destacar que essa solidão que é vivenciada como um fenômeno social mundial afeta de modo distinto à população LGBTQIA+,⁷ pois além de sofrerem os

⁷ Neste artigo, optamos pela utilização da sigla LGBTQIA+. Quinalha (2022, p. 11) comenta que “não há uma instância oficial de validação das siglas, [...] que são fruto de disputas e negociações em torno de regimes de visibilidade e entendimentos sobre as identidades que variam conforme o contexto histórico e cultural”. O emprego do símbolo ‘+’ reflete o caráter não fixo, inclusivo e em constante transformação dessa comunidade, que confronta as estruturas binárias e heterocisnormativas.

efeitos perversos da individualização decorrente do neoliberalismo e do modo de produção capitalista, os sujeitos sexuais dissidentes se convertem em alvo da LGBTQIAfobia de Estado (Irineu *et al.*, 2024) e, portanto, seus corpos são mais afetados pela falta de apoio e proteção social, em função do familismo⁸, por conseguinte, possuem maiores dificuldades para acessarem direitos básicos como educação, saúde e proteção social.

Com a finalidade de problematizar esse fenômeno da solidão imposto aos corpos sexuais dissidentes, nos ancoramos nos aportes da Educação Popular e da pesquisa participante latino-americana, que trazem o diálogo e a escuta sensível como possibilidades de construção de novas formas de conhecimento ancoradas na solidariedade e na busca pela transformação social, como detalharemos a seguir.

Rompendo a solidão epistêmica: pesquisas dialógicas e autobiográficas

Com o objetivo de confrontar as experiências de solidão, retomamos neste artigo outra metáfora para além da dança da solidão, lançamos mão da imagem da tecelagem para fazer alusão ao processo de investigar *com*, tal metáfora foi desenvolvida pelas pesquisadoras Edla Eggert, Márcia da Silva e Aline Della Libera (2022, p. 2) que nos ensinam: “Uma trama na tecelagem nunca é solitária, faz-se com muitos fios. Na experiência de pesquisar, o tramado também é coletivo”.

As autoras elucidam que suas investigações se concretizam por meio da trama de três fios cada um com uma cor. O fio lilás dos Estudos Feministas permite visibilizar as experiências, histórias e narrativas das mulheres. O fio vermelho da Pesquisa Participante, na perspectiva da Educação Popular, possibilita desvelar as lutas de resistência travadas, na América Latina, por grupos e sujeitos subalternizados pela lógica da colonialidade do

⁸ O familismo é um conceito desenvolvido por Guillermo Sunkel (2006) a partir da indagação acerca de como se distribuem as responsabilidades sociais entre Estado, família e mercado no regime de bem-estar da América Latina. De acordo com Irineu *et. al.* (2024, p. 16): “Nessa configuração, a política social tem sido orientada pela compreensão da família, tanto por ser lugar de resolução de necessidades sociais, quanto por ser intermediadora no acesso aos direitos. Isso decorre da cultura conjugal, que coloca o casamento mais que um direito, como sendo uma obrigação, e uma fonte de acesso a direitos e bens públicos e privados”.

ser/do saber/do poder e de gênero e pelo modo de produção capitalista. E, por fim, o fio verde das pesquisas autobiográficas descortina as “narrativas que compõem uma síntese complexa do tecido social” (Eggert, Silva, Della Libera, 2022, p. 8), não sob a marca do individualismo, mas da busca por processos de (auto)escuta e de partilha de experiências.

Assim, podemos compreender que fazer pesquisa, na perspectiva da Educação Popular, é um processo coletivo tecido a várias mãos, por meio da escuta de diversas vozes, com intuito de provocar novas formas de “pensar para além do engendramento da colonialidade” (Eggert, Silva, Della Libera, 2022, p. 8), da heterocisnormatividade, do sexismo, do classicismo, do capacitismo e do racismo.

À trama, inicialmente tecida pelas autoras Eggert, Silva e Della Libera (2022), acrescentaríamos o fio furta-cor da Teoria Cuir⁹/Queer, a fim de visibilizar os diferentes modos de ser, pensar e existir de sujeitos sexuais dissidentes, possibilitando romper com a LGBTQIAfobia de Estado e os processos de solidão epistêmica imputados a esses sujeitos que, paulatinamente, têm refutado o lugar de objeto de pesquisa e cada vez mais têm exercido o protagonismo nas práticas de investigação científica, visibilizando novas epistemologias.

O movimento de entrelaçar esses diferentes fios com objetivo de tecer novas formas de conhecimento, que problematizam a solidão epistêmica de sujeitos sexuais dissidentes, demanda o exercício do diálogo e de práticas de pesquisas dialógicas.

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tão pouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (Freire, 2017, p. 109).

Dialogar vai além de uma simples troca de ideias, pois implica reconhecimento e problematização acerca do processo de (des)humanização que, por sua vez, demanda lutas

⁹ A escrita do termo “Cuir”, neste artigo, é fruto de nosso posicionamento político desde o Sul Global, notadamente, desde a América Latina, e expressa uma articulação com os princípios da Educação Popular e das Pedagogias Decoloniais.

coletivas e uma práxis sentipensante (Fals Borda, 2015). O movimento dialógico torna-se encontro em que participantes endereçados à transformação social, ao refletirem sobre os mecanismos que visam negar sua condição de Ser Mais (Freire, 2017), criam novas leituras da realidade e novas formas de atuar sobre ela e nela. E, assim, tecem movimentos de solidariedade em direção a um mundo mais humanizado, no qual a sexualidade possa ser compreendida como vivência plural e não circunscrita aos ditames da heterocisnormatividade.

É nesse contexto que a pesquisa participante¹⁰ de tradição latino-americana se configura como um momento dos trabalhos da Educação Popular, conforme apregoam Maristela Borges e Carlos Rodrigues Brandão (2008). Esta perspectiva de pesquisa participante abarca um conjunto de práticas realizadas *com* e a serviço de comunidades populares e de movimentos sociais com vistas à transformação social.

Ancoradas nos princípios da Educação Popular como diálogo e escuta sensível (Sousa; Lima, 2022), as pesquisas participantes latino-americanas se concretizam como espaço-tempo de vivência dialógica e de exercício de participação social, em que as diferentes pessoas envolvidas no ato de fazer pesquisa são corresponsáveis pela tessitura de fios que vão engendrar os conhecimentos produzidos intersubjetivamente na investigação.

Em consonância a esse entendimento, Borges e Brandão (2008, p. 54) destacam que, nas pesquisas participantes, “todas as pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber” o que implica em problematizar a relação tradicional entre sujeito-objeto, comumente associada à pessoa que investiga e as que são investigadas, convertendo tal relação, progressivamente, em uma relação do tipo sujeito-sujeito.

É através do exercício de uma pesquisa e da interação entre os diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de compreensão da realidade social pode ser construída. O conhecimento científico e o popular

¹⁰ O termo Pesquisa Participante abarca um conjunto de práticas comprometidas com o processo de construção coletiva de conhecimentos com vistas à promoção da transformação social, que pode ser designado por diferentes nomes: “pesquisa participante”, “auto-diagnóstico”, “pesquisa ação”, “pesquisa participativa”, “investigação ação participativa”, dentre outros (Borges; Brandão, 2008).

articulam-se criticamente em um terceiro conhecimento novo e transformador (Borges; Brandão, 2008, p. 54).

Para ilustrar o processo de construção intersubjetiva de conhecimentos, destacamos, aqui, as investigações realizadas por Fabiana de Sousa e Fernanda Priscila da Silva (2023) em diálogo com mulheres cis prostitutas. As autoras elucidam que:

[...] o nosso papel como educadoras [educadores] populares não consiste em dizer a palavra no lugar do outro, mas em buscar pronunciar o mundo coletivamente. Para tanto, faz-se necessário desenvolver uma postura humilde pautada na dialogicidade e na escuta sensível a fim de aprender o que os grupos populares [prostitutas e demais sujeitos sexuais dissidentes] têm a nos dizer e a nos ensinar (Sousa; Silva, 2023, p. 95).

As pesquisas participantes na perspectiva da Educação Popular permitem questionar o primado da universalidade da ciência moderna, favorecendo o desvelamento de novas formas de conhecimento, colaborando com a construção de uma ciência popular e sentipensante (Fals Borda, 2015). Esta ciência popular abarca as diferentes leituras de mundo e lutas de resistência dos sujeitos encobertos pela colonialidade. Nesse sentido, ousamos anunciar que as Teorias Cuir/Queer latino-americanas se aproximam dos aportes da Educação Popular e das pesquisas participantes pela sua potencialidade de desvelar inéditos-viáveis¹¹ e pela afirmação da politicidade da educação.

A psicanalista Deborah Britzman (2016) destaca que as Teorias Cuir/Queer oferecem meios para imaginarmos a diferença em seus próprios termos, abarcando eros, o desejo e as bases para uma politicidade, de tal modo que a heterocisnormatividade seja apreendida como um problema da cultura e do pensamento. A Teoria Cuir/Queer:

[...] oferece à educação técnicas para criar sentido e destacar aquilo que ela descarta ou sequer suporta conhecer. Esta teoria insiste, ao usar o

¹¹ Conceito elaborado por Freire (2017) para designar uma experiência ainda não vivida, por isso inédita, mas passível de realização, por isso viável. No legado freireano, os inéditos-viáveis são desvelados por seres no mundo que são alvo de processos de desumanização, que habitam a exterioridade e que, por conseguinte, vivenciam experiências distintas daqueles que não tem sua existência negada.

método psicanalítico, que a relação entre o conhecimento e a ignorância não é oposicional nem binária. Pelo contrário, se implicam mutuamente, estruturando e impondo formas particulares de conhecimento e formas de ignorância. Desta forma, a ignorância é analisada como um efeito do conhecimento, na verdade, como seu limite, e não como estado originário ou estado de inocência¹² (Britzman, 2016, p. 18, tradução nossa).

Assim, ao adicionarmos o fio furta-cor das Teorias Cuir/Queer à trama das pesquisas participantes latino-americanas, intencionamos propiciar leituras que problematizam os modos de fazer pesquisa *de* e *com* sujeitos sexuais dissidentes. Para tanto, nos inspiramos em Francisco Ramallo (2019, p. 102), que nos convida a fazer “um deslocamento das leituras diretas da pedagogia crítica”, ou seja, nos incitar a pensar além dos posicionamentos a favor dos oprimidos ou de propostas de subversão.

Nesse sentido, ao nos apresentar um Paulo Freire com *glitter*, Ramallo (2019) não procura negar as pedagogias críticas, tampouco o legado freireano, mas adiciona-lhes um toque de purpurina que, sob o enfoque de novas luzes, poderá dar origem a novas tonalidades, alargando nossa percepção da realidade e nos levando a pensar e a sentir para além de nossos limites.

Ramallo (2019) ressalta que as palavras não servem apenas para nomear o mundo, mas também para construir novas formas de ver e de imaginar outros mundos possíveis. Esse entendimento é partilhado tanto nos estudos da Educação Popular, como nos estudos que se ancoram nas Teorias Cuir/Queer e nas pedagogias decoloniais.

A pesquisa educacional como vocação política que une e liga passados e presentes, reafirma uma intenção de indiscipliná-la. Ao mesmo tempo que restaura as condições que afetam e enredam nossa condição vital, convoca à autorização de outros entendimentos para a educação que sejam mais favoráveis a nós mesmos. Desta forma, o programa

¹² La Teoría Queer ofrece a la educación técnicas para crear sentido y remarcar aquello que descarta o no puede siquiera soportar conocer. Esta teoría insiste, al usar un método psicoanalítico, que la relación entre el conocimiento y la ignorancia no es oposicional ni binaria. Por el contrario, se implican mutuamente, estructurando e imponiendo formas particulares de conocimiento y formas de ignorancia. De esta forma, la ignorancia es analizada como un efecto del conocimiento, en verdad, como su límite, y no como un estado originario o de inocencia.

histórico de descontentamento que promove e sela a continuidade das nossas instituições sociais, é interrompido, parcialmente, por práticas discursivas que tentam não se afastar da vida e aspiram resistir à busca pelos absolutos (Ramallo, 2019, p. 106, tradução nossa).¹³

As linhas e cores que optamos por utilizar para dar forma à trama dessa investigação, que se encontra em desenvolvimento, se converte em uma dentre tantas outras opções possíveis de movimentos que buscam pensar com as políticas e poéticas de nossas dissidências latino-americanas. Aceitando a provocação deste dossiê temático, consideramos que para “dar fim a pesquisa como conhecemos” é necessário exercitar a ousadia para dialogar com um pensamento incendiário que literalmente busca “botar fogo no parquinho”, não se contentando em denunciar os mecanismos de normalização da atualidade, mas sobretudo, intenciona anunciar novas formas de ver, de ser e de estar no mundo que, como inéditos-viáveis, antes de se concretizarem são gestadas por meio de uma pronúncia coletiva de mundo.

Pronúncia coletiva de mundo

Os relatos, gestos e existências – entrelaçados no cotidiano da investigação – tecem o que nomeamos ‘pronúncia coletiva de mundo’ (Freire, 2017): um ato político-epistemológico em que conhecimento e vida se fundem. A escuta, aqui, é exercício de encontro (Freire, 2017); cada voz, ao insurgir-se, reconfigura os limites do possível.

O percurso metodológico deste estudo recusou a lógica sujeito-objeto (Brandão; Borges, 2008) e para visibilizar narrativas e histórias de vida de sujeitos sexuais dissidentes, com foco em suas vivências na escola, foram realizadas entrevistas dialógicas (presenciais ou remotas via *Google Meet*). O contato com as pessoas participantes da pesquisa se deu por meio da amostragem bola de neve (Vinuto, 2014), partimos a priori

¹³ La investigación educativa como una vocación política que desata y amarra pasados y presentes, reafirma a la sazón una intención de indisciplinarla. Al mismo tiempo que restaura condiciones que afectan y enredan nuestra condición vital, convoca a autorizar otras comprensiones para la educación más amables con nosotros mismos. De este modo el programa histórico de desafectación que promueve y sella la continuidad de nuestras instituciones sociales, es interrumpido parcialmente por prácticas discursivas que tratan de no moverse lejos de la vida y aspiran a resistirse a la pulsión por los absolutos.

de pessoas que fazem parte do ciclo de convivência do pesquisador - integrante da comunidade LGBTQIA+ – as quais foram consideradas como ‘sementes’. As demais pessoas foram indicadas pelas ‘sementes’, seguindo a lógica da amostragem – método que permitiu a expansão orgânica da rede de pessoas, mantendo o vínculo de confiança e pertencimento à temática.

Após a realização das entrevistas, foi realizada uma transcrição integral e os textos foram devolvidos aos participantes para validação, com intuito de garantir os preceitos éticos da pesquisa dialógica.

A respeito das pessoas e vozes com quem dialogamos¹⁴ tem-se: Suzana (P1, 2023): mulher cis lésbica, professora de Português (SP); Alex William (P2, 2024): homem cis gay (Piracicaba/SP) Professor de Geografia; Olivia (E1, 2024): mulher trans, atriz e estudante de Artes Cênicas; André (E2, 2024): homem trans, agente cultural, graduado em Letras e Pedagogo em formação, além do próprio pesquisador homem cis gay e professor de Artes. Os nomes apresentados foram escolhidos pelas próprias pessoas participantes, com exceção de uma pessoa trans que optou por seu nome social, por entender que, poder e querer dizer seu nome e sua identidade já é uma conquista política.

A tessitura das narrativas revelou quatro eixos temáticos que não apenas descrevem realidades vividas, mas interpelam estruturas normativas responsáveis pela produção da solidão, ao mesmo tempo em que evidenciam práticas de solidariedade como formas de resistência.

Ancorando-nos na concepção freiriana de denúncia, os eixos identificados foram: a) A escola como política de silenciamento, espaço onde a violência institucional produz e naturaliza a solidão; b) O armário LGBTQIA+ como dispositivo de invisibilidade. E, em contraste, duas potências de resistência, inéditos-viáveis, quando articuladas por anseio de solidariedade e do cuidado coletivo: c) Amizades como trincheiras, redes afetivas que geram resistência; e d) Representatividade como projeto de futuro, estratégia política para subverter a ausência de pessoas LGBTQIA+.

¹⁴ Para a construção desse artigo, apresentamos a análise de quatro entrevistas, sendo duas delas cedidas por pessoas professoras (P1 e P2) e duas estudantes (E1 e E2). A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos, por meio da plataforma Brasil, e teve parecer aprovado.

Para uma primeira organização analítica, utilizamos o *software* Atlas.ti Web (ATLAS.ti, [s.d.]), que faz uso de Inteligência Artificial Generativa e é entendido como mediador tecnológico, que auxiliou no gerenciamento, interpretação das conexões temáticas, sem substituir a interpretação humana e contextualização dos dados.

De acordo com Walter e Bach (2015):

É possível afirmar que não se engessa ou se automatiza o processo de análise de uma pesquisa com o uso do Atlas.ti, mas que somente se gerenciam todos os arquivos de um projeto de pesquisa em uma única unidade hermenêutica de modo informatizado, dispensando marca-textos, papel, cola e tesoura. O Atlas.ti não reduz o papel e a importância do pesquisador no processo de interpretar e analisar; apenas facilita sua operacionalização, pois trata-se de uma ferramenta moderna que auxilia análises mais profundas, facilitando a localização simultânea de múltiplos dados (Walter; Bach, 2015, p. 305-306).

O *Atlas.ti* consolida-se como um organizador de dados – potencializando a análise sem engessá-la em algoritmos. O *software* reúne condições materiais para que o pensamento humano ocorra de modo sistemático (e criativo). Essa mediação tecnológica, longe de ser neutra, reflete uma escolha epistemológica: a de que ferramentas digitais podem ampliar e cooperar na sistematização de dados, mas nunca de substituir a capacidade de interpretação humana.

Além das entrevistas, a autorreflexão e autobiografia se incorporaram como elemento central da análise, reconhecendo o caráter processual e transformador da investigação para o pesquisador. O diálogo se estendeu para além dos momentos formais de entrevista, sendo potencializado por meio do convívio na escola e de conversas via *WhatsApp* – espaço-tempo em que a pesquisa vazou seus protocolos e se fez vida cotidiana.

A análise revela que a escola se configura como um território paradoxal, de encontro com a pluralidade e imprescindível para as discussões do campo de gênero e sexualidade; espaço de primeiras emancipações como revela Suzana: “[...] o nosso primeiro lugar fora da família é dentro da escola, então é a primeira vez que a gente tem chance de ser a gente

mesmo, sem a influência dos pais e tudo mais.” (P1, 2023) e, simultaneamente, de vigilância normativa como menciona Alex: “Desde a infância, eu já entendia e sentia atração por meninos. Tive sentimentos por alguns colegas de turma, mas nunca compartilhei isso com ninguém, nem mesmo com minhas melhores amigas” (P2, 2024). Alex expõe o silenciamento estrutural que transforma afetos dissidentes em segredos solitários, só anos mais tarde terá coragem de falar sobre essas experiências com 19 anos.

Os relatos expõem ainda uma dinâmica perversa: a violência ativa (ofensas, exclusão) é potencializada pela violência passiva da instituição escolar – seu silêncio cúmplice. Essa dupla camada de agressão, comumente vivenciada por sujeitos sexuais dissidentes, gera solidão epistêmica e desamparo institucional. Olívia revela diversas violências ocorridas na escola e com frequência, se viu obrigada a mudar de escola, para minimizar os impactos: “[...] as pessoas na escola, fazendo esse tipo de coisa, virando as costas para mim, me ofendendo por muitas vezes, até que a situação foi insustentável e minha mãe foi lá e teve uma conversa com a diretora, que não deu em nada. A diretora não fez nada” (E1, 2024). Suzana, já adulta e performando outro papel social na escola, revela que não podia falar sobre gênero e sexualidade com estudantes para quem lecionava: “Nos colégios de elite onde trabalhei, era proibido falar isso” (P1, 2023).

Na perspectiva do Armário gay, André revela que “[...] fui, de certa forma, retirado desse armário onde me escondia, foi na escola protestante que já mencionei. Foi um movimento muito louco que aconteceu na minha vida, envolvendo meus pais e os pais da minha colega” (E2, 2025). André saiu compulsoriamente do armário para a família, por atrair-se por outra menina da escola, nesta ocasião, ainda não havia transicionado. Já Olívia revela o quanto o armário foi decisivo para o sentimento de solidão. “[...] o armário é sinônimo de solidão, de tristeza, de tudo que é sentimento ruim. [...] o armário sufoca. Você está num espaço pequeno, é como se moldassem você, é um molde. Dentro do armário, você está agindo conforme a sociedade e os pais querem” (E1, 2024).

Ancorados nos aportes da Educação Popular, assumimos um compromisso ético-político de visibilizar resistências LGBTQIA+, justamente para não cair no fatalismo (Freire, 2017). No Brasil e no mundo, assistimos a diversos retrocessos frente à ofensiva política ultraconservadora. O legado bolsonarista (2019-2022) persiste em políticas

opressoras, enquanto nos EUA, Donald Trump (reeleito em 2024) exporta ataques via decretos contra direitos de sujeitos sexuais dissidentes, sobretudo contra os sujeitos transexuais, e contra programas de valorização da diversidade.

Neste sentido, vimos na solidariedade, um inédito-viável possível frente à solidão. André comenta: “Na Escola Técnica minha experiência escolar mudou completamente, ela tornou-se acolhedora desde o início, tanto pelos meus colegas de classe quanto pelos professores. Eu passei muito tempo do meu dia neste espaço, criei uma família, uma comunidade!” (E2, 2024). A experiência de André revela que a solidariedade escolar pode ser um inédito-viável freireano contra a solidão estrutural: ao transformar a escola em espaço de comunidade afetiva, demonstra-se que práticas pedagógicas solidárias intencionais podem desfazer isolamentos.

Esse potencial emancipatório ecoa na trajetória de André: ao encontrar acolhimento, ele não apenas superou a invisibilidade, mas decidiu devolver à escola o que ela lhe ofereceu, tornando-se professor de Letras. Sua escolha profissional, como ele mesmo afirma, é “ato político de representatividade” – “Hoje, estou refletindo sobre o que fazer depois que terminar Pedagogia. Estou considerando a possibilidade de trabalhar com gestão escolar. O que mais me motiva nesse momento é ocupar espaços, especialmente no contexto de ser uma pessoa trans” (E2, 2024).

Essa representatividade é vista com muito entusiasmo por Alex: “A universidade representou para mim um espaço de liberdade, no qual me senti confortável para explorar minha sexualidade. Tive a sorte de estar cercado por pessoas acolhedoras, tanto na moradia quanto na minha turma” (P2, 2024). Ocupar espaços como estratégia de representatividade e a vivência de coletividade na moradia estudantil se mostraram possibilidades viáveis de enfrentamento ao silenciamento.

A fala de Alex sintetiza o poder transformador da representatividade e da coletividade: ao encontrar na universidade não apenas “liberdade”, mas uma comunidade intencional que confrontou o silêncio estrutural, sua trajetória ilustra o que hooks (2013) chamou de comunidade pedagógica – espaços onde a acolhida se faz ato político de insurgência, espaço/tempo de mudança, em que as pessoas desenvolvem práticas engajadas, comprometidas e articuladas. Essa coragem a ser assumida pelas instituições

de ensino, longe de ser exceção, é fruto de posicionamento político e de construção coletiva: só assim a solidão deixará de ser destino obrigatório para corpos dissidentes e se tornará, como propõe, solo fértil para revoluções íntimas e coletivas.

Considerações finais

O neoliberalismo, ao erigir o individualismo como dogma, não só fragiliza os laços comunitários, mas institucionaliza uma política da solidão – que nada tem de romântica ou circunstancial. A "dança da solidão", que aqui metaforizamos, não é a da ausência física de outros/as/es, mas a da exclusão sistêmica do diferente: corpos *cuir/queer*, dissidentes, que são empurrados para a margem não por falta de corpos ao redor, mas por um projeto intencional de descoletivização e colonização do pensamento.

A solidão é fabricada, incentivada e administrada por uma lógica que transforma a vida em performance de autossuficiência, isolando corpos dissidentes e esvaziando os espaços de pertencimento. Assim, a política da solidão emerge como sintoma e estratégia de um sistema que se sustenta pelo esfacelamento do comum e pela propagação de uma visão fatalista e individualista da realidade. Paul Preciado (2020) critica a ideia de que a Revolução Industrial começou com invenções tecnológicas, apontando que, na verdade, as primeiras “máquinas” foram seres vivos, como escravos, trabalhadores/as do sexo e animais.

As primeiras máquinas da Revolução Industrial não foram nem a máquina a vapor, nem a imprensa, nem a guilhotina, mas o trabalhador escravo da fazenda, a trabalhadora sexual e reprodutiva e o animal. As primeiras máquinas da Revolução Industrial foram máquinas vivas. O humanismo inventou outro corpo que ele chamou de humano: um corpo soberano, branco, heterossexual, saudável, seminal. Um corpo estratificado e cheio de órgãos, cheio de capital, cujos gestos são cronometrados e cujos desejos são efeito de uma tecnologia necropolítica do prazer (Preciado, 2020, p. 123).

Essa desconexão, longe de ser acidental, é ferramenta de manutenção de poder: ao romper solidariedades. Romper essa lógica exige mais que presenças; demanda reconstruir o comum – não como nostalgia, mas como insurgência. A transformação

necessária é tão radical que parece impossível, mas é exatamente esse tipo de mudança, que desafia o impossível e o inimaginável, que é necessário para um futuro trans-viado, sustentável e ético. Pronunciar o mundo coletivamente se apresenta como um exercício viável, seja em nossas práticas de pesquisa ou na fruição da música e da literatura, para alargar a percepção e compreensão da realidade, favorecendo a construção do inimaginável e de novos mundos possíveis. A tarefa urgente é dançar juntos/as/es outras coreografias: solidárias. Coreografias que nos mostram que os conhecimentos são tecidos por meio de nossa corporeidade e que transformam a solidão imposta em festa coletiva.

Referências

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ATLAS.TI. Web. Disponível em: www.atlasti.com. Acesso em: 25 mai. 2025.

BARROSO, Sabrina Martins; ANDRADE, Valéria Sousa; MIDGETT, Ainda Hutz; CARVALHO, Rubem Gomes Neves de. Evidências de validade da Escala Brasileira de Solidão UCLA. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 65, n. 1, p. 68–75, jan. 2016. DOI: [10.1590/0047-2085000000105](https://doi.org/10.1590/0047-2085000000105) Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/MjfQxLfddpKdQpKmZMB64DN/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 mai. 2025.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, ago. 2011. DOI: [10.1590/S0104-026X2011000200016](https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016) Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/DMNhmpzNbKWgH8zbgQhLQks/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 mai. 2025.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Paulinas Editora, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, 2008. DOI: [10.14393/REP-2007-19988](https://doi.org/10.14393/REP-2007-19988) Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>. Acesso em: 10 mai. 2025.

BRITZMAN, Deborah. ¿Hay una pedagogía queer? O, no leas tan recto. **Revista de Educación**, Mar del Plata, año 7, n. 9, p. 13-34, 2016. Disponível em: https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/r_educ/article/view/1897 Acesso em: 27 mai. 2025.

DA VIOLA, Paulinho. **Dança da solidão**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1972. 1 LP.

EGGERT, Edla; SILVA, Márcia Alves da; DELLA LIBERA, Aline Lemos da Cunha. Dos fios que se interpenetram na tecelagem: um conceito para os estudos feministas. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 30, n. 2, 2022. DOI: [10.1590/1806-9584-2022v30n277384](https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n277384) Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/9KxzK67y38nhxZxSWfxpLMN/?lang=en> Acesso em: 15 mai. 2025.

FALS BORDA, Orlando. **Una Sociología sentipensante para la América Latina**. México: Sigilo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

HERTZ, Noreena. **O século da solidão**: restabelecer conexões em um mundo fragmentado. Tradução de Marina Vargas. Rio de Janeiro : Record, 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

IRINEU, Bruna A. *et al.*. LGBTI+fobia de Estado na tessitura das políticas de morte: insegurança social, negligência e crimes de ódio. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.40, p.e22302, 2024. DOI: [10.1590/1984-6487.sess.2024.40.e22302.a.pt](https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2024.40.e22302.a.pt) Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/KKh8dHjzdGNyYdM7f6TJR5Q/?format=html&lang=pt> Acesso em: 11 mai. 2025.

JUNQUEIRA, Rogério D. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar brasileiro. **Annual Review of Critical Psychology** (Online), v. 11, p. 189-204, 2014. Disponível em: <https://discourseunit.com/wp-content/uploads/2016/05/11-pedagogia.pdf> Acesso em 18 mai. 2025.

LADEIRA PEREIRA, Anamaria; SANTOS PEREIRA, Camila; POCAHY, Fernando. Trânsitos dissidentes em tempos de ódio: modos de pensar-praticar o presente. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 120–146, 2024. DOI: [10.14295/de.v9i2.13578](https://doi.org/10.14295/de.v9i2.13578) Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13578>. Acesso em: 18 mai. 2025.

LOUIS, Édouard. **O fim de Eddy**. Tradução de Francesca Angiolillo. São Paulo : Planeta do Brasil, 2018.

MINOIS, Georges. **História da solidão e dos solitários**. Tradução de Maria das Graças de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

MIRANDA, Thiago Aparecido. **A solidão como figura do mal-estar docente**. 2021. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Ibirapuera, São Paulo, 2021. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13018290 Acesso em: 13 mai. 2025.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTQI+**: uma breve história do Século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte : Autêntica, 2022.

RAMALLO, Francisco. Paulo Freire con glitter y pañuelo verde: notas cuir para educadores. **Série-Estudos**, [S. l.], v. 20, n. 52, p. 101-122, 2019. DOI: [10.20435/serie-estudos.v20i52.1336](https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1336) Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1336> Acesso em: 18 mai. 2025.

RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo**: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. Trad. Felipe Bruno Martins Fernandes. Rev. Miriam Pillar Grossi. Mar. 2012. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sexo.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18 mai. 2025.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. DOI: [10.1590/S0104-83332007000100003](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794) Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794> Acesso em: 18 mai. 2025.

SOUSA, Fabiana Rodrigues de.; LIMA, Lívia Moraes Garcia. História oral e educação popular: reflexões sobre metodologia e práticas de pesquisa pautadas no diálogo e na escuta sensível. **História Oral**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 135-152, 2022. DOI: [10.51880/ho.v25i2.1262](https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1262) Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1262> Acesso em: 18 mai. 2025.

SOUSA, Fabiana Rodrigue de; SILVA, Fernanda Priscila Alves da. Ideias-força do pensamento de Paulo Freire e da Educação Popular. In: TAVARES, Maria Tereza G.; VASCONCELOS, Valéria O. de (Orgs.). **O pensamento de Paulo Freire em ação**: diálogos freirianos em tempos de (pós) pandemia. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: NAU Editora, 2023, p. 84-98.

SUNKEL, Guillermo. **El papel de la familia en la protección social**. Santiago de Chile: Cepal, División de Desarrollo Social, 2006. (Série Políticas Sociais, v. 120.)

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. DOI: [10.20396/tematicas.v22i44.10977](https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977) Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977> Acesso em: 18 mai. 2025.

WALTER, Silvana Anita; BACH, Tatiana Marceda. Adeus papel, marca-textos, tesoura e cola: inovando o processo de análise de conteúdo por meio do Atlas.Ti. **Administração: Ensino e Pesquisa**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 275-308, 2015. DOI: [10.13058/raep.2015.v16n2.236](https://doi.org/10.13058/raep.2015.v16n2.236) Disponível em: <https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/236> Acesso em: 18 mai. 2025.

The dance of loneliness in school: between the (in)visibility of knowledge and the
solidary resistances of dissident sexual subjects

Abstract: This article is the result of a (auto)biographic participant research project aimed at unveiling experiences of loneliness/solidarity among dissident sexual subjects within the school environment. The research methodology is grounded in the Latin American perspective of participant research and in the theoretical-methodological principles of Popular Education and the legacy of Paulo Freire, which seek to build knowledge in dialogue with the participants of the investigation. Through interviews, narratives were produced from five participants immersed in the school context: two students, two teachers, and the researcher himself, who is also a teacher. The analysis of these interviews led to the development of four thematic axes: The school as a policy of silencing, The LGBTQIA+ closet as a device of invisibility, Friendships as trenches, and Representativeness as a project for the future. These thematic axes not only describe lived experiences but also question normative structures responsible to produce loneliness, while simultaneously highlighting practices of solidarity as forms of resistance. The conclusion is that loneliness is manufactured, encouraged, and managed by a logic that turns life into a performance of self-sufficiency, isolating dissident bodies and emptying spaces of belonging. Thus, the politics of loneliness emerge as both a symptom and a strategy of a system that sustains itself through the dismantling of the commons and the propagation of a fatalistic view of reality. Solidarity and the collective articulation of the world stand out as viable possibilities to confront this politics of loneliness.

Keywords: Popular education. Loneliness. Solidarity. Dissident sexual subjects.

Recebido: 30/05/2025
Aceito: 20/02/2026